



Febrero 2020 - ISSN: 1988-7833

ANÁLISE DA ESTRUTURA PRODUTIVA DA MICRORREGIÃO DE FREDERICO WESTPHALEN, BRASIL

Sandro Wiechork¹,

Professor SENAI/SC, e-mail: sandro.wiechork@edu.sc.senai.br

Josiele Maria Fão²,

Mestranda Unijuí, e-mail: josielefao@gmail.com

Romualdo Kohler³,

Professor Unijuí, e-mail: romualdo@unijui.edu.br

Claudia Cristina Wesendonck⁴,

Professora UERGS, e-mail: clauw84@hotmail.com

Para citar este artículo puede utilizar el siguiente formato:

Sandro Wiechork, Josiele Maria Fão, Romualdo Kohler y Claudia Cristina Wesendonck (2020): "Análise da estrutura produtiva da microrregião de Frederico Westphalen, Brasil", Revista Contribuciones a las Ciencias Sociales, (febrero 2020). En línea:

<https://www.eumed.net/rev/cccss/2020/02/analise-estrutura-produtiva.html>

<http://hdl.handle.net/20.500.11763/cccss2002analise-estrutura-produtiva>

RESUMO

Este trabalho analisa a evolução e a dinâmica da base econômica da microrregião de Frederico Westphalen, Brasil. O aporte teórico é da Teoria de Base de Exportação, que busca explicar o desenvolvimento da região através das exportações de seus produtos, associando a venda externa de bens com o crescimento econômico e separando as atividades econômicas em básicas, voltadas à exportação e não básicas, que só atendem o mercado interno. Para tal, foram utilizados os métodos do quociente locacional, do multiplicador de emprego e do coeficiente de especialização. Como resultados, o multiplicador de emprego, usado para identificar os elementos da base de exportação, apresentou valor superior à unidade, o que identifica a dependência da geração de emprego às atividades básicas. Já o coeficiente de especialização apontou seis setores que podem ser considerados como a base da economia regional, assim como apontou carências e potencialidade à agregação de valor.

Palavras-chave: Teoria da Base de Exportação; Especialização Produtiva; Desenvolvimento Econômico.

¹ Professor no SENAI/SC – Brasil, Mestre em Desenvolvimento Regional pela UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Toledo/PR.

² Mestranda em Desenvolvimento Regional pela Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - UNIJUÍ. Pesquisadora do Grupo Interdisciplinar de Estudos em Gestão e Políticas Públicas, Desenvolvimento, Comunicação e Cidadania GPDeC. Graduada em Administração e pós-graduada em Gestão Empresarial e Liderança e Sustentabilidade.

³ Professor / pesquisador no programa de Desenvolvimento Regional na Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul - Brasil Doutorado em Administração pela UNaM - Universidad Nacional de Misiones, Posadas, Argentina.

⁴ Professora Adjunta do curso de Administração Pública da Universidade Estadual do Rio Grande do Sul - UERGS, Frederico Westphalen/RS. Coordenadora do Curso de Graduação em Administração Pública, Doutora em Desenvolvimento Regional e Agronegócios pela UNIOESTE - Universidade Estadual do Oeste do Paraná - Toledo/PR.

ANALYSIS OF THE PRODUCTIVE STRUCTURE OF THE MICROREGION OF FREDERICO WESTPHALEN, BRAZIL

ABSTRACT

This paper analyzes the evolution and dynamics of the economic base of the microregion of Frederico Westphalen, Brazil. The theoretical contribution is from the Export Basis Theory, which seeks to explain the development of the region through the exports of its products, associating the foreign sale of goods with economic growth and separating economic activities into basic, export-oriented and not basic, which only serve the domestic market. To this end, the methods of the locational quotient, the employment multiplier and the specialization coefficient were used. As results, the employment multiplier, used to identify the elements of the export base, presented a value higher than the unit, which identifies the dependence of employment generation on basic activities. On the other hand, the specialization coefficient pointed out six sectors that can be considered as the base of the regional economy, as well as pointed out deficiencies and potentiality for value addition.

Key Words: Theory of the Export Base; Productive Specialization; Economic Development.

ANÁLISIS DE LA ESTRUCTURA PRODUCTIVA DE LA MICRORREGIÓN DE FREDERICO WESTPHALEN, BRASIL

Resumen

Este trabajo analiza la evolución y la dinámica de la base económica de la microrregión de Frederico Westphalen, Brasil. El aporte teórico parte de la Teoría de las Bases de la Exportación, que busca explicar el desarrollo de la región a través de las exportaciones de sus productos, asociando la venta externa de bienes con el crecimiento económico y separando las actividades económicas en básicas, orientadas a la exportación y no básicas, que sólo sirven al mercado interno. Para ello se utilizaron los métodos del cociente de localización, el multiplicador de empleo y el coeficiente de especialización. Como resultado, el multiplicador del empleo, utilizado para identificar los elementos de la base de exportación, presentó un valor superior a la unidad, lo que identifica la dependencia de la generación de empleo a las actividades básicas. Por otra parte, el coeficiente de especialización señaló seis sectores que pueden ser considerados como la base de la economía regional, así como también señaló deficiencias y potencialidades para la adición de valor.

Palabras clave: Teoría de la Base Exportadora; Especialización Productiva; Desarrollo Económico.

Introdução

As atividades desenvolvidas dentro de um território são associadas ao sucesso ou atraso da região e são de fundamental importância para o contexto regional, figurando, por exemplo, a possibilidade de uma determinada região ser qualificada como um polo industrial. A escolha da localização das atividades é algo primordial, considerando a questão da proximidade das matérias-primas amplamente ligadas à redução dos custos de produção e com transportes, aumento dos lucros, entre outros fatores⁵.

O desenvolvimento segue um conjunto de preceitos e ideologias que estão interligados, ou com fomentos advindos externamente, ou com iniciativas internas; porém, a maioria das regiões é, ainda, muito dependente de investimentos por parte dos governos, sejam estaduais, sejam federais, a fim de alcançar algum tipo de crescimento. Pesquisadores⁶ afirmam que o fomento em políticas de desenvolvimento é um dos meios para que uma determinada região possa alavancar seu crescimento e, conseqüentemente, seu desenvolvimento; todavia, a região deve possuir os instrumentos

⁵ Carvalho de Lima *et al.* (2013).

⁶ Costa (2007) e Wesendonck (2016).

adequados para que isso ocorra. Eles salientam, ainda, que a desigualdade regional é um fenômeno complexo, multifacetado e de difícil mensuração.

Os estudos voltados a abordagens centradas na abrangência territorial⁷ das grandes regiões devem ser substituídos por iniciativas de abrangência sub-regional ou local, para que possam ser utilizadas como modelo, servindo de base em diagnósticos mais precisos da situação e das potencialidades dessas áreas menores, cuja problemática tende a ser homogênea.

Existem diversas abordagens que explicam os efeitos das exportações sobre o crescimento econômico⁸. Na visão cepalina⁹, por exemplo, as exportações aparecem desempenhando papel importante no crescimento econômico sustentado através da redução da restrição externa (disponibilidade de divisas) e interna (exiguidade de seus mercados). Já na Teoria da Base Exportadora, o crescimento das exportações gera efeitos multiplicadores e dinamizadores sobre o mercado interno, sustentando o crescimento econômico. Na corrente neoclássica, a especialização proveniente da exposição da economia interna às ações dos concorrentes externos estimula a busca pela eficiência econômica e competitividade por parte das empresas, instigando a inovação e ganhos de produtividade. Logo, alguns argumentos da teoria descritos por North¹⁰ apontam exemplos de estudos aplicados em regiões que ainda não conheceram nenhum processo significativo de desenvolvimento, as quais têm baixa renda e pequena população.

Os primeiros estudos sobre a Teoria da Base de Exportação dividem as atividades de uma região em duas. As atividades básicas dependem, em grande parte, de uma demanda exógena à região (destinadas à exportação), ou seja, a região vende seus produtos além de suas fronteiras¹¹. Já as atividades não básicas dependem da demanda endógena (mercado interno) e servem de apoio às atividades básicas. Devido a sua estrutura de ocupação, tanto a mão-de-obra quanto a capacidade produtiva ou de gerar serviços dependem da dinâmica das atividades básicas. Souza¹², em sua pesquisa sobre a aplicação da teoria de base econômica para todo o Estado do Rio Grande do Sul, afirma que as atividades não básicas (locais ou residenciais) identificam-se com a indústria tradicional, com o comércio e com os serviços urbanos. Tais atividades são tão necessárias à população regional como as atividades exportadoras ou básicas. Nesse estudo de Souza, a estrutura produtiva atendeu a demanda local e produziu excedentes exportáveis, demonstrando a capacidade em gerar excedentes e colocá-los em mercados externos, o que estimulou a entrada maciça de capital na região exportadora através da balança comercial.

Portanto, ao se estudar o desempenho evolutivo, juntamente com a diversificação produtiva e a dinâmica de um determinado território no contexto do desenvolvimento regional, procura-se analisar as atividades de base dentro do território em evidência, examinando-as como parte de um todo, e os elementos propulsores do seu crescimento econômico. Essas atividades de base são

⁷Bandeira (1999).

⁸Barbosa e Alvim (2007).

⁹CEPAL - Comissão Econômica para América Latina e Caribe, criada em 1948 pela Organização das Nações Unidas.

¹⁰North (1977a).

¹¹Piffer (2009, 2011).

¹²Souza (1980).

capazes de multiplicar empregos em outros ramos da economia regional, buscando uma diversificação das atividades produtivas. Assim, este trabalho, além de identificar as atividades de base exportadora dos municípios da microrregião de Frederico Westphalen e a participação de cada um, é uma interpretação alternativa do seu processo para a busca de desenvolvimento econômico.

Este trabalho tem como objetivo demonstrar, por meio de levantamento de dados do emprego formal ligado aos 25 ramos de atividades, os que compõem a base de desenvolvimento da microrregião de Frederico Westphalen, assim como, caracterizar os de maior relevância na produção de bens, buscando incentivar o comércio inter-regional (escoar o excedente), como forma de promover o desenvolvimento da região de estudo.

Considerações teóricas sobre a Teoria da Base de Exportação

Ao se fazer uma pesquisa sobre as dinâmicas e fatores ligados ao desenvolvimento regional, torna-se impossível ignorar as características de seu território. Tão importante quanto entender de que modo este surgiu, é preciso entender a sua composição e quais atividades ocorrem no local. Assim, neste tópico, encontra-se o referencial teórico, organizado em duas seções, apresentando primeiramente a Teoria da Base de Exportação (TBE), apoiada pelos estudos de Douglas North. Este procura demonstrar como as atividades de base voltadas aos mercados externos estão ligadas à diversificação e ao dinamismo das atividades internas de uma determinada região. Na segunda seção, são listados alguns estudos que se relacionam com a TBE, realçando seus conceitos, características e resultados, com a premissa de validar e destacar a importância deste trabalho.

Os fundamentos da Teoria da Base de Exportação

Várias são as teorias que buscam explicar a dinâmica regional, ou seja, o processo de constituição da renda urbana, que é a expressão e a causa do movimento do capital no espaço. Ressaltam-se alguns estudos relacionados às exportações¹³, em que o crescimento de uma região não depende apenas de sua poupança interna, mas do que ela pode obter de poupança via resultado do seu comércio com as demais regiões. Se a sua propensão a importar for maior do que a das outras regiões que demandam suas exportações, seu crescimento será maior.

Ao contrário do que afirma a Teoria da Base de Exportação, este modelo diz que quanto mais importar, dado um volume de exportação, maior será o crescimento econômico da região.

Outros autores sugerem que o crescimento econômico no longo prazo é definido pela razão entre a taxa de crescimento das exportações e a elasticidade-renda das importações¹⁴. Seria uma taxa compatível com o equilíbrio em conta corrente. Em seu modelo de estudo, admite-se que a tecnologia é um determinante central do crescimento econômico, mas sua influência se exprime pelos

¹³ Harrod (1939) e de Domar (1946).

¹⁴ Thirlwall (1979).

seus efeitos sobre o padrão de especialização e sobre o dinamismo da demanda de exportações e importações.

O referencial teórico deste estudo encontra-se apoiado pelos estudos de Douglas North, mais precisamente por suas pesquisas acerca da Teoria da Base de Exportação, aqui descrita como TBE, e por elementos teóricos da primeira fase do seu trabalho¹⁵. A escolha desta teoria foi fundamental para o estudo, pois ela parte do pressuposto de que as atividades de base de uma região são responsáveis pelo seu crescimento e desenvolvimento econômico.

Os primeiros conceitos sobre TBE tinham por interesse entender o processo de desenvolvimento e ocupação das cidades de uma região. Os estudos sobre o assunto dividiram a região em duas atividades: básicas e não básicas. As primeiras estão relacionadas com o desenvolvimento das atividades voltadas ao mercado externo, isto é, aos processos produtivos destinados à exportação, enquanto as atividades não básicas dizem respeito à produção de bens e serviços voltados ao mercado interno¹⁶. Na visão dessa teoria, o aumento da produção das atividades ligadas à base exerceria um efeito multiplicador sobre as atividades não básicas.

Na associação da teoria com o processo de desenvolvimento regional europeu, North observou que este é explicado a partir de certas fases pelas quais passaram algumas regiões do continente, tais como estágio de subsistência, rápido processo industrial, maior produção forçando a região a se industrializar graças ao comércio inter-regional e, por fim, uma região especializada em produtos para exportação.

A TBE foi elaborada com o propósito de explicar como algumas regiões, que não seguiam o processo de desenvolvimento que lhes era recomendado, se desenvolviam mais do que as outras regiões. North observou que elas progrediam com produção destinada à exportação.

North enfatiza os efeitos da base de exportação no desenvolvimento de uma região¹⁷. Ele não aceitava as argumentações convencionais quando tentavam explicar o processo de desenvolvimento regional de algumas regiões dos Estados Unidos.

A TBE foi a primeira teoria de crescimento regional a agregar exportação como fator-chave para o crescimento de uma região¹⁸. Ele evidencia que as exportações exercem um efeito multiplicador sobre a economia. Assim, países que buscaram transacionar com o mercado externo obtiveram o processo de desenvolvimento mais rápido, como foi o caso dos Estados Unidos e Canadá.

Em 2004 e 2005, nos Estados Unidos, as regiões de San Francisco, Oakland e San José, obtiveram um desenvolvimento propagado em uma base econômica de exportação (produtos primários, secundários e terciários) e com custos de transporte reduzidos¹⁹.

Já o Brasil experimentou períodos de desenvolvimento impulsionados pelas exportações de setores primários, como é o caso da cana-de-açúcar no período colonial²⁰. Entretanto, a renda gerada

¹⁵ North (1955, 1961a, 1961b, 1977a, 1977b).

¹⁶ Oliveira *et al.*, (2012).

¹⁷ North (1955), com a obra *Location theory and regional economic growth*, considerada a base de seus estudos.

¹⁸ Souza (1980).

¹⁹ Costa (2007).

durante este período ficou concentrada, não permitindo que a atividade exportadora gerasse efeitos multiplicadores sobre os demais setores da economia, como descrito na teoria desenvolvida por North²¹.

Neste contexto, os produtos de exportação, que formam a base das novas regiões, são considerados essenciais para difundir e aumentar a especialização desses lugares, induzindo as atividades não básicas, ou seja, as atividades voltadas ao mercado interno. As rendas geradas nos ramos exportadores estimulam a demanda para os ramos não básicos. Ao se ampliar o mercado de exportação, amplia-se, também, o excedente de renda, fomentando a economia urbana no seu conjunto da economia regional.

A base de exportação desempenha importante função na determinação do nível de renda absoluta e *per capita* da região em questão²². Os rendimentos dos fatores de produção nas indústrias indicam a importância direta destas para o bem-estar da região. A partir deste ponto, North²³ questiona a necessidade de uma região precisar ou não se industrializar, se quiser continuar a crescer. Uma produção bem-sucedida de bens agrícolas ou produtos extrativos, que são destinados à venda externa, pode ser, sob certas condições, o principal fator de indução do crescimento e do desenvolvimento de economias externas, da urbanização e do desenvolvimento industrial.

Nesse caso, North²⁴ chama a atenção para o “perigo” de se manter uma estrutura produtiva apenas primário-exportadora. Para ele, é “necessário estabelecer uma base mais ampla de exportação”. A economia regional tem de ser capaz de fazer a transição de atividades essencialmente primárias para atividades urbano-industriais. Ao longo do tempo, a dinâmica se dá não mais essencialmente na exportação dos excedentes industriais e rurais, mas de serviços de alta complexidade. Por isso, a dinâmica das economias regionais está ligada à capacidade de diversificar a base exportadora. Neste sentido, argumenta que “[...] as regiões ou países que permanecem ligados a um único produto de exportação quase que inevitavelmente não conseguiram alcançar um ritmo firme de expansão [...]”²⁵.

Logo, possuir base de exportação limitada pode ser um entrave para a região. A região deve mudar sua base de exportação quando houver queda persistente nos produtos exportados²⁶. Mudanças tecnológicas, aumento nos custos de produção, exaustão de recursos naturais, custos crescentes de terra ou trabalho em relação aos de uma região competidora são algumas razões apontadas por North como declínio na atividade exportadora.

A TBE pressupõe que as atividades da base, aquelas voltadas às atividades além das fronteiras da região, têm papel de alavancar o desenvolvimento das cidades de uma região. Através desta teoria, constatou-se que muitas regiões se desenvolveriam sem passar pela evolução: sistemas agrícolas de subsistência, desenvolvimento de algum comércio, industrialização com a substituição

²⁰ Oliveira *et al.* (2012).

²¹ North (1977a).

²² North (1961b).

²³ North (1977b).

²⁴ North (1961a).

²⁵ North (1961a).

²⁶ North (1977b).

de importações e especialização local até o estágio final do desenvolvimento regional, que é a criação de uma economia de serviços. Neste último estágio, a região exporta capital, mão-de-obra qualificada e serviços especiais para regiões menos desenvolvidas.

O autor epigrafado traz como exemplo o Pacífico Noroeste Norte-Americano, região que teve seu desenvolvimento concentrado em três produtos: trigo, farinha e madeira²⁷. A região teve rápido crescimento, baseado em poucos produtos de exportação, que desencadeou um promissor desenvolvimento desta região em produzir bens exportáveis. Com o tempo, estes bens passaram a apresentar maior diversificação, ficando os setores secundário e terciário destinados a atender apenas às necessidades de consumo local. Desta maneira, muitas regiões foram diversificando sua base de exportação. A experimentação de várias culturas era o procedimento típico até que se determinasse qual seria a cultura com maior viabilidade econômica.

Existe uma importante relação entre o crescimento das exportações e o crescimento da produção/renda nacional no longo prazo²⁸. As exportações podem exercer um efeito multiplicador sobre diversas atividades do mercado interno, sendo, portanto, um indutor do crescimento econômico do país ou região²⁹.

Todavia, essa teoria leva em consideração que no seu início a região possui um volume de importação que satisfaz plenamente as necessidades tanto da população local quanto das empresas exportadoras. Não existindo capacidade ociosa, a expansão das exportações vai ocasionar o deslocamento de recursos produtivos do mercado interno para o setor exportador. Por outro lado, havendo capacidade ociosa, a expansão das exportações gerará um efeito multiplicador sobre as atividades do mercado interno, e o produto regional irá crescer mais do que proporcionalmente ao crescimento original das exportações.

A teoria apresenta-se da seguinte maneira:

De uma forma muito simples, o modelo faz depender o nível de produção e o nível de emprego da região das suas atividades exportadoras, que dependem, por sua vez, da procura externa e das vantagens comparativas da região – variáveis que o modelo vai considerar “exógenas” (isto é, que a região não pode influenciar). A ideia de abertura é levada à sua conclusão lógica: a região vive da procura externa e a ela deve adaptar-se para sobreviver. O modelo da base econômica traça uma linha delimitadora entre as indústrias de base (atividades básicas) que permitem à região “ganhar a vida” e as atividades de suporte (atividades não básicas) que derivam da presença das atividades de base [...] ³⁰.

Lane visualiza a economia de uma área urbana dividida em dois setores:

[...] um setor exportador e um setor local. O setor exportador produz bens e serviços vendidos ao resto do mundo. Ao fazer isto, o setor provoca um fluxo de renda para a área. Parte da renda assim gerada é gasta na compra

²⁷ North (1977b).

²⁸ Thirlwall (2005).

²⁹ Viana (2010).

³⁰ Polèse (1998, p.139).

de bens de consumo. Esta despesa local sustenta aqueles setores da economia da área que produzem itens não exportados. Conseqüentemente, se a balança comercial da comunidade se tornar negativa por um período de tempo considerável, ou se houver queda nas atividades exportadoras, é quase certo o aparecimento de um eventual ajustamento para baixo na população total da comunidade³¹.

Com base na TBE, do ponto de vista da região, os artigos exportáveis eram um fator exógeno, porém o processamento e os custos de produção não eram. Assim, as regiões novas procuravam a redução desses custos, combinando um esforço para promover e melhorar a competitividade de seus produtos exportáveis. Além disso, a base de exportação não pode ser a única preocupação do lugar, haja vista que mudanças no exterior em relação à região, mudanças tecnológicas, exaustão de recursos naturais, entre outros fatores, podem levar a um “encalhamento” do local. Por isso, o maior desenvolvimento dos transportes, o crescimento de renda e demanda em outras regiões e a atuação do governo na criação de benefícios leva ao crescimento das exportações de base.

No conceito da TBE, o crescimento das exportações, vistas como atividade básica, gera um efeito multiplicador e de aceleração no setor do mercado interno, não exportador, através do efeito renda e dos efeitos de encadeamentos no processo produtivo, os quais criam demanda por serviços, como comunicações, transportes e financiamentos³².

Algumas regiões voltadas à exportação se desenvolvem mais que outras devido a uma série de motivos³³, entre os quais a dotação de recursos naturais, a característica do produto exportado, a variação de tecnologia e custos de transferência (o avanço tecnológico faz a curva de produção se deslocar à direita), posto que, com a mesma quantidade de fatores de produção, é possível produzir uma maior quantidade, aumentando a renda gerada na economia, bem como o efeito multiplicador, efeito que a atividade exportadora causa sobre os outros setores.

Para North³⁴ o que caracteriza o estágio final de desenvolvimento é a presença de uma economia regional madura, exportadora de capital e de técnicas e serviços especializados para regiões menos desenvolvidas, resultando, a longo prazo, em equalização da renda *per capita* e ampla dispersão da produção.

A teoria original ignora o efeito das economias externas quanto à decisão de produção da economia local. “Uma economia baseada sobre as exportações será uma economia vulnerável às oscilações conjunturais da economia nacional e internacional, internalizando uma instabilidade dentro do setor de mercado interno”³⁵.

Cabe salientar que a TBE contextualiza que as exportações exercem um efeito multiplicador sobre a economia. Já foi citado o exemplo dos EUA e Canadá, países que se voltaram para o mercado externo e obtiveram o processo de desenvolvimento mais rápido.

³¹ Lane (1977, p. 244).

³² Piffer (2012).

³³ North (1977b).

³⁴ North (1977b).

³⁵ Souza (1980).

[...] nos Estados Unidos, as regiões que inicialmente exportavam grãos, carnes e madeiras, em seguida, desenvolveram uma atividade industrial de mercado interno, em função da agricultura, que logo se transformou em atividade industrial exportadora. No Brasil, da mesma forma, muitas regiões se desenvolveram com base nas exportações de alguns produtos básicos, cana-de-açúcar, café, algodão e minérios³⁶.

Esta teoria denota a especialização, identificada como elemento suficiente e competitivo para garantir a conquista de mercados externos; no entanto, este movimento de “engrenar” a região no sistema de acumulação mercantil é insuficiente para garantir que a região se torne autossuficiente e dinâmica.

North divide sua teoria em duas fases. Na primeira, o autor trata da Teoria da Base de Exportação como suporte para a compreensão do crescimento de espaços menores, as regiões, cujo marco é seu estudo pioneiro de 1955 sobre a localização das atividades produtivas. Esse estudo é considerado o primeiro a dar uma formulação do conceito de base aplicado à conjuntura de uma região³⁷. A TBE oferece a forma mais simples de modelo de renda regional e que sua importância está no fato de que ela serve como estrutura teórica para muitos estudos empíricos sobre regiões³⁸.

Na segunda fase, North aponta o papel das instituições na evolução histórica e no desenvolvimento das sociedades. Nesse estudo³⁹, o autor se preocupa em explicar como as instituições atuam no desempenho econômico e na organização do processo produtivo das sociedades. Para ele, as instituições eram “restrições humanamente concebidas que estruturam as interações políticas, econômicas e sociais”, sendo essenciais ao crescimento econômico, afirmando ainda que, ao garantir os direitos de propriedade, as instituições permitem uma redução dos custos de transação e, em consequência, um aumento do crescimento da economia.

North⁴⁰ apresenta uma teoria sólida de desenvolvimento regional, expondo que: 1) a especialização e a divisão do trabalho são os fatores mais importantes da expansão inicial da economia regional; 2) a expansão do mercado inter-regional induz ao fortalecimento da especialização; 3) o engajamento no mercado internacional tem sido o caminho através do qual várias regiões têm alcançado o desenvolvimento econômico.

A partir do momento em que o mercado interno ou regional se torna consumidor de certo produto ou serviço produzido no local, e este desperta demanda em outros mercados fora de sua origem geográfica, as atividades básicas passam a exercer grande importância no contexto econômico regional.

[...] as atividades básicas independem do nível da renda interna e constituem o motor do crescimento regional, porque engendram um efeito multiplicador sobre as atividades de mercado local, que delas dependem.

³⁶ Souza, (2002, p. 120).

³⁷ Oliveira *et al.* (2016).

³⁸ Richardson (1975).

³⁹ North (1961a).

⁴⁰ North (1977b).

Os bens e serviços produzidos no setor básico são consumidos no exterior, dependendo do nível de renda do resto do mundo⁴¹.

Quando o objetivo é estudar o desenvolvimento econômico de uma região, um dos problemas fundamentais é compreender suas relações com as demais regiões do sistema nacional e com o exterior⁴². A TBE explica essas relações inter-regionais que envolvem o fluxo de mercadorias, de pessoas e de serviços, bem como avalia os impactos desses fluxos entre a região e o restante da economia global.

O desenvolvimento de uma região se dá através de uma economia baseada na exportação e comercialização de seus produtos com as demais regiões. Souza destaca a importância que este processo vem exercendo no desenvolvimento da economia do Estado do Rio Grande do Sul durante os últimos séculos, principalmente de produtos primários⁴³.

Com uma economia difundida e fortalecida em um determinado setor, esse dinamismo ao longo do tempo impacta diretamente a outros setores econômicos, estes se desenvolvem paralelamente àquele já em ascensão. Ressaltam-se as características de base de exportação, capazes de produzir encadeamentos importantes, que podem ser tanto para trás (insumos) quanto para frente (criação de novas atividades produtivas). Enfim, as exportações estão associadas a várias condições relevantes para o desenvolvimento regional.

Aplicação da Teoria da Base de Exportação

A busca pelo crescimento econômico é uma das principais metas das regiões, e a literatura⁴⁴ sempre apresenta trabalhos indicando que o crescimento das regiões se deve, essencialmente, a sua dinâmica interna ligada às exportações, apontando diferentes elementos propulsores desse processo. Porém, todos estão ligados a casos de inovação, agregando valor ao produto, transferência de conhecimento e, também, viabilidade econômico-financeira de novos investimentos.

A fim de apresentar um aporte teórico com credibilidade e de importância para a pesquisa, buscaram-se estudos relacionados à TBE com regiões do país que demonstrem o seu processo evolutivo.

No Brasil, podem-se citar trabalhos que estejam relacionados à TBE, aplicados nas mais variadas regiões, como a pesquisa de Alves⁴⁵, que estudou a “distribuição das atividades econômicas e o desenvolvimento regional nas mesorregiões selecionadas do Sul do Brasil”. Ele objetivou identificar os determinantes dos diferenciais de desempenho socioeconômico das mesorregiões do Noroeste rio-grandense, Oeste catarinense, Sudoeste e Oeste paranaenses, no período de 1970 a 2000. Analisou-se a distribuição das atividades econômicas e as especializações mesorregionais, utilizando-se o mesmo aporte teórico e indicadores de especialização através do quociente

⁴¹ Souza (1980, p.122.).

⁴² Piffer e Arend (2009).

⁴³ Souza (2002).

⁴⁴ Balassa (1978); Feder (1982); Salvatore e Hatcher (1991); Guaresma e Wörz (2005).

⁴⁵ Alves (2008).

locacional, o QL. A pesquisa constatou o Noroeste rio-grandense e o Sudoeste paranaense com baixo dinamismo, mas o Oeste catarinense e o Oeste paranaense mostraram-se multiespecializados.

Outro trabalho que também pode ser citado é o de Piffer⁴⁶, o qual faz uma análise regional da dinâmica do crescimento do emprego nas mesorregiões do Paraná para os anos de 2000 a 2008, sob a abordagem da TBE, utilizando as mesmas medidas de localização que serão usadas neste trabalho, o quociente locacional (QL), o coeficiente de especialização (CE) e o multiplicador de emprego, para estimar o emprego básico e não básico. Com isso, demonstra-se que a base agropecuária é o principal setor em quase todas as mesorregiões do Paraná, observado pelo QL e pelo multiplicador de emprego, apontando uma especialização muito forte em quase todas as mesorregiões, bem como algumas indicações para uma tendência de diversificação, trabalho este que foi utilizado como referência para o estudo.

Além disso, Oliveira⁴⁷ apresenta uma análise do comportamento da base de exportação da economia das regiões brasileiras em 2000 e 2012, usando como referencial a TBE e os indicadores de análise regional, o QL e o multiplicador de emprego, nas cinco regiões brasileiras e nos oito ramos de atividade, apontando as atividades locais de cada região e a capacidade destas na geração de emprego. O resultado é que a região Centro-Oeste se mostra mais promissora, com dados significativos.

Mais recente a esses estudos, Martins⁴⁸ analisou indicadores de base econômica das regiões do Brasil, utilizando a TBE para explicar as relações inter-regionais que abarcam o fluxo de mercadorias, pessoas e serviços, além de avaliar os impactos pertinentes a esses fluxos entre as regiões e a economia de referência. Para isso, aplicam os indicadores de análise regional, o QL, o CE e a estimativa do multiplicador de emprego, com o objetivo de apontar os ramos de atividade mais especializados (denominados como atividades de base) em todas as regiões brasileiras analisadas. O resultado dessa pesquisa levou a apontar um multiplicador de emprego mais representativo na região Sudeste.

A finalidade de apresentar tais trabalhos é demonstrar a relação destes com a proposta de estudo, em que se busca fazer uma análise dos seus indicadores econômicos consolidados, potenciais e a participação destes no âmbito municipal e microrregional, salientar fatores que possam agregar maior dinâmica a região, mostrar as suas debilidades e destacar os principais setores que contribuem com ações econômicas, para que o lugar se fortaleça dentro da esfera estadual.

A Metodologia que norteou o estudo

Para analisar a estrutura econômica da microrregião de Frederico Westphalen e mensurar os dados obtidos, esta pesquisa se fundamentou em elementos analíticos extraídos da análise teórica

⁴⁶ Piffer *et al.* (2010).

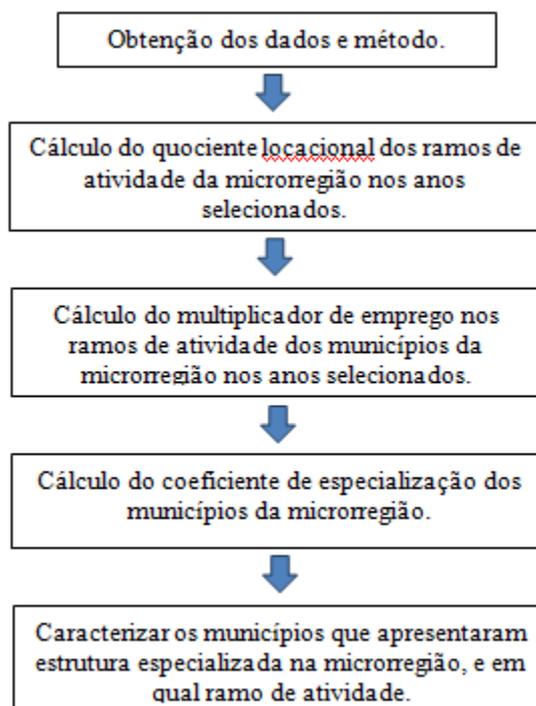
⁴⁷ Oliveira *et al.* (2012).

⁴⁸ Martins *et al.* (2015).

das explicações do crescimento das regiões, mais precisamente da Teoria da Base de Exportação de North⁴⁹.

Os procedimentos metodológicos podem ser verificados na figura 1 e buscam apresentar elementos suficientes para uma análise lógica e fundamentada.

Figura 1 – Procedimentos metodológicos utilizados no estudo.



Fonte: Elaboração própria.

Neste estudo, são apresentados os preceitos do objetivo da pesquisa, que se caracteriza como exploratória, por proporcionar maior familiaridade com o problema (explicitá-lo), envolvendo o levantamento bibliográfico, e, descritiva, por apresentar as características de determinadas populações ou fenômenos, utilizando técnicas padronizadas de coleta de dados⁵⁰.

A pesquisa exploratória caracteriza-se por realizar levantamento de informações sobre um determinado objeto, para delimitar o campo de trabalho e mapear as condições de manifestações desse objeto⁵¹. A pesquisa exploratória visa à descoberta, ao achado, à elucidação de fenômenos ou à explicação daqueles que não eram aceitos, apesar de evidentes⁵². A exploração representa, atualmente, um importante diferencial competitivo em termos de concorrência.

Na pesquisa descritiva, realizam-se o estudo, a análise, o registro e a interpretação dos fatos do mundo físico, sem a interferência do pesquisador⁵³. A pesquisa descritiva à identificação, ao registro e à análise das características, fatores ou variáveis que se relacionam com o fenômeno ou

⁴⁹ North (1955, 1961a, 1961b, 1977a, 1977b).

⁵⁰ Gil (2010).

⁵¹ Severino (2007).

⁵² Gonçalves (2014).

⁵³ Barros e Lehfeld (2007).

processo⁵⁴. Esse tipo de pesquisa pode ser entendido como um estudo de caso no qual, após a coleta de dados, é realizada uma análise das suas relações, de no mínimo duas variáveis, de diversos tipos, tais como: documental, estudo de campo e levantamento.

Quanto aos procedimentos técnicos para a realização deste trabalho, foi utilizado o método de pesquisa bibliográfica, desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Essa investigação se caracteriza desta maneira, pois se faz uso de análise de conteúdo, coleta de dados, observação participante, dentre outras formas de pesquisa, que servem para obtenção de observações empíricas e/ou para análises de dados, buscando meios de descrições quantitativas e qualitativas⁵⁵.

O processo técnico inclui o levantamento de informações e de dados de natureza secundária sobre a população economicamente ativa dentro dos grandes setores — indústria, comércio e serviços. Porém, para melhor análise, as três áreas foram divididas em 25 subsetores de atividades, nos 27 municípios que compõem a microrregião, para os anos de 2005, 2010 e 2015. Essas informações foram obtidas por instituições de renome no Brasil, tais como os dados setoriais da Relação Anual de Informações Sociais (RAIS), de acordo com a classificação dos 25 subsetores, utilizando-se a totalidade de vínculos ativos dos anos pesquisados; dados populacionais do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE); e, para fins de complementação, dados do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento (MAPA), do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior (MDIC) e da Fundação de Economia e Estatística (FEE).

Para análise de desempenho e identificação das atividades básicas e não básicas, de sua capacidade de criar empregos, bem como do padrão de especialização e de concentração dos ramos de atividade produtiva na microrregião, tomaram-se, como indicadores de referência, os que North⁵⁶ usou no seu estudo original, o quociente locacional (QL) e o coeficiente de especialização (CE). Na complementação do estudo, usou-se também o multiplicador de emprego⁵⁷. Nesta pesquisa, ele foi aplicado para identificar e analisar as atividades produtivas da microrregião de Frederico Westphalen em relação ao Rio Grande do Sul, assim como as atividades que agregam maior empregabilidade.

O quociente locacional (QL) é utilizado para comparar a participação percentual da microrregião em um setor particular com a participação percentual do Estado no total do emprego⁵⁸. Ressalta-se que foi utilizado o mesmo padrão de North nesta pesquisa, o que não distorce a análise, pois, além de apresentar as atividades básicas, visualiza-se também a evolução dessas atividades com relação ao Estado, demonstrando sua relevância em um contexto econômico. O QL é calculado da seguinte forma:

⁵⁴ Perovano (2014).

⁵⁵ Marconi e Lakatos (1999).

⁵⁶ North (1955, 1977a e 1977b).

⁵⁷ Proposto por Boiser (1980) e utilizado por Cruz (1997), Piffer (1999), Costa *et al.* (2002) e Alves (2012).

⁵⁸ Alves (2012),

$$QL = \left(\frac{S_i}{S_t} \right) / \left(\frac{N_i}{N_t} \right) \quad (01)$$

QL é o quociente locacional;

S_i é o emprego na atividade i na microrregião;

S_t é o emprego total na microrregião;

N_i é o emprego na atividade i no Estado;

N_t é o emprego total no Estado.

Para esta pesquisa, i varia de 1 a 25, pois foram considerados 25 subsectores de atividades da classificação do IBGE, a saber: 01 - extrativa mineral; 02 - produção de mineral não metálico; 03 - indústria metalúrgica; 04 - indústria mecânica; 05 - elétrico e comunicação; 06 - material de transporte; 07 - madeira e mobiliário; 08 - papel e gráfico; 09 - borracha, fumo e couros; 10 - indústria química; 11 - indústria têxtil; 12 - indústria de calçados; 13 - alimentos e bebidas; 14 - serviço de utilidade pública; 15 - construção civil; 16 - comércio varejista; 17 - comércio atacadista; 18 - instituição financeira; 19 - administração técnica profissional; 20 - transporte e comunicações; 21 - alojamento e comunicações; 22 - médicos, odontológicos e veterinários; 23 - ensino; 24 - administração pública; 25 - agricultura.

O QL informa quantas vezes o setor i é mais (ou menos) importante, ou especializado, para o território objeto de estudo. Com isso, busca-se, a partir da análise do QL, a identificação da existência de especialização ou diversificação produtiva na microrregião.

Em modelos de projeção do crescimento regional é usual conjugar os quocientes locacionais com a teoria da base econômica ou de exportação⁵⁹, considerando-se como atividades ou setores básicos aqueles para os quais o valor seja superior ou igual à unidade, pois estes setores teriam uma ocupação de mão-de-obra mais significativa dentro do território de estudo, marcando a especialização relativa dessa área, neste caso a microrregião. Assim, os setores com valores iguais ou superiores à unidade seriam indutores das atividades não básicas.

Outro indicador utilizado para quantificar o impacto dessas atividades nas outras atividades da economia, principalmente na área urbana, é o multiplicador de emprego. Quando a população economicamente ativa (PEA) está ligada às atividades básicas, ou seja, pela relação $(S_i / S_t) > (N_i / N_t)$, o valor obtido do multiplicador será maior que a unidade⁶⁰. Supõe-se, então, que essa atividade é a mais importante no contexto da microrregião. Ao se estimar a população ocupada em atividades básicas, é possível determinar a população ocupada em atividades não básicas da economia regional do Estado e nos seus diversos ramos de atividades. Para isso, foram usadas as

⁵⁹ Piffer (1999)

⁶⁰ Piffer (2012).

estimativas propostas em diversos estudos que apresentaram a equação do cálculo do emprego básico da seguinte maneira⁶¹:

$$B_i = (S_i - S_t) \left(\frac{N_i}{N_t} \right) \quad (02)$$

B_i é o emprego básico da atividade produtiva na microrregião;

S_i é o emprego na atividade produtiva i na microrregião;

S_t é o emprego total na microrregião;

N_i é o total de emprego nas atividades produtivas do Estado;

N_t é o total de emprego no Estado.

A proporcionalidade entre o emprego não básico e o emprego total, indica como se calcula o multiplicador de emprego⁶²:

$$EN = \alpha E \text{ para } (0 < \alpha < 1) \quad (03)$$

$$E = \alpha E + EB \quad (04)$$

$$EB = E - \alpha E \quad (05)$$

$$EB = E (1 - \alpha) \quad (06)$$

$$E = 1/1-\alpha * EB \text{ ou } E = k EB \quad (07)$$

k é o multiplicador de emprego da microrregião;

E representa o emprego total;

EN é o emprego não básico;

EB representa o emprego básico.

Existe uma exceção⁶³, representada pelos ramos de atividades primárias (agropecuária), que, mesmo apresentando valores negativos para o emprego-base, ainda são consideradas naturalmente de base, levando-se em conta os valores da população economicamente ativa (PEA) do território de estudo, uma vez que essas atividades são geradoras de excedentes, com uma proporção muito pequena de emprego devido à modernização maciça das áreas rurais. Neste caso, cabe o bom senso do pesquisador, pois na microrregião de estudo as atividades agrícolas baseadas na pequena propriedade são bem evidentes.

Para complementar a análise, foi calculado também o coeficiente de especialização (CE), que é utilizado para identificar a tendência da especialização ou diversificação (multiespecialização)

⁶¹ Boisier (1980), Cruz (1997), Piffer (1997; 1999; 2012) e Costa *et al.* (2002).

⁶² Boisier (1980), Piffer (1997; 1999; 2012) e Costa *et al.* (2002).

⁶³ Piffer (2012).

das atividades produtivas, através da fórmula proposta por North⁶⁴. O CE é obtido da seguinte maneira:

$$CE_j = \frac{\left| \frac{TN_i}{TN} - \frac{TE_i}{TE} \right|}{2} \quad (08)$$

CE_j é o coeficiente de especialização;

TN_i é o total de emprego na atividade produtiva *i* na microrregião;

TN é o total de emprego em todas as atividades produtivas da microrregião;

TE_i é o total de emprego na atividade produtiva *i* no Estado;

TE é o total de emprego em todas as atividades produtivas no Estado.

O valor do coeficiente igual a 0 significa que a microrregião possui uma composição setorial idêntica ao território em que está inserida, no caso ao do Estado. Se o valor do coeficiente for igual à unidade, o território estudado está com elevado grau de especialização em atividades ligadas a um determinado setor ou está com uma estrutura de emprego totalmente diversa da do Estado⁶⁵. Logo, com esses dados em mãos da base econômica da microrregião, é possível identificar essas atividades.

Análise da Base Exportadora da Microrregião de Frederico Westphalen

Com o intuito de apresentar uma análise evolutiva e o perfil da base econômica dos municípios da microrregião de Frederico Westphalen, são revelados os resultados de 2005, 2010 e 2015 para comparação, conforme dados da Tabela 1.

Entre 2005 e 2015, observaram-se mudanças na economia da microrregião de Frederico Westphalen. A evolução da especialização produtiva evidencia que 13 dos 25 ramos não se apresentaram como atividades básicas de exportação em nenhum dos anos analisados (registraram QL menor do que a unidade). São eles: indústria metalúrgica; indústria mecânica; elétrico e comunicação; material de transporte; papel e gráfico; borracha, fumo e couros; indústria química; indústria de calçados; administração técnica e profissional; transporte e comunicações; alojamento e comunicações; médicos, odontológicos e veterinários; agricultura. Estas atividades são consideradas não básicas, o que significa que elas existem para suprir a necessidade local e não fazem parte da base de exportação da microrregião.

Tabela 1 – Quociente Locacional da microrregião de Frederico Westphalen nos anos de 2005, 2010 e 2015.

Ramos de Atividade (QL)	2005	2010	2015
--------------------------------	-------------	-------------	-------------

⁶⁴ North (1955, 1977b).

⁶⁵ Piffer (1999) e Alves (2012).

01-Extrativa Mineral	0,49	2,16	0,50
02-Produção Mineral Não Metálico	2,01	2,66	2,37
03-Indústria Metalúrgica	0,46	0,57	0,61
04-Indústria Mecânica	0,04	0,06	0,07
05-Elétrico e Comunicação	0,22	0,27	0,33
06-Material de Transporte	0,02	0,03	0,08
07-Madeira e Mobiliário	1,28	1,07	0,63
08-Papel e Gráfico	0,35	0,42	0,48
09-Borracha, Fumo, Couros	0,64	0,43	0,56
10-Indústria Química	0,50	0,69	0,88
11-Indústria Têxtil	1,04	1,15	1,10
12-Indústria Calçados	0,48	0,36	0,32
13-Alimentos e Bebidas	1,20	1,67	2,34
14-Serviço Utilidade Pública	0,63	0,87	0,89
15-Construção Civil	0,87	1,10	1,10
16-Comércio Varejista	1,32	1,35	1,23
17-Comércio Atacadista	1,16	0,91	1,59
18-Instituição Financeira	1,26	1,47	1,26
19-Adm. Técnica Profissional	0,22	0,31	0,32
20-Transporte e Comunicações	0,51	0,59	0,69
21-Alojamento e Comunicações	0,72	0,65	0,63
22-Médicos Odontológicos Vet.	0,76	0,75	0,60
23-Ensino	1,11	0,66	0,74
24-Administração Pública	1,82	1,75	1,58
25-Agricultura	0,78	0,85	0,84

Fonte: Fonte: Elaboração própria, com base de dados RAIS (2016).

As atividades não básicas estão relacionadas àquelas da indústria tradicional, ao comércio e aos serviços e são necessárias para o suprimento local e atividades básicas. As regiões que diversificarem sua estrutura produtiva, avançando para a exportação de serviços, serão as que mais se fortalecerão⁶⁶. Neste sentido, percebe-se que a microrregião de Frederico Westphalen ainda não alcançou o nível de exportar serviços, como mostra o QL dos ramos de serviço de utilidade pública; administração técnica e profissional; transporte e comunicações; alojamento e comunicações; médicos, odontológicos e veterinários; ensino. Em contrapartida, possui quatro setores de serviços com QL > 1.

Quanto ao ramo de agricultura, percebe-se que, embora 63% dos municípios possuam maior participação da agropecuária no PIB, esta não se mostrou uma atividade básica de exportação. Isto implica que os produtos agropecuários produzidos na microrregião são consumidos na própria microrregião, seja *in natura*, seja como matéria-prima para as demais atividades. Contudo, a agropecuária é uma atividade básica por natureza, independentemente do valor do QL, devido à sua geração de excedentes⁶⁷. De certo modo, pode-se contextualizar que a agropecuária é um ramo que

⁶⁶ Souza (1980).

⁶⁷ North (1955, 1961a, 1961b, 1977a, 1977b, 1990, 2006).

impulsiona o desenvolvimento nos setores industrial e de serviços, reduzindo sua importância no contexto atual de carro-chefe do desenvolvimento da microrregião e cumprindo suas funções básicas⁶⁸.

Em relação às atividades básicas, considerando-se os três anos de análise, percebe-se que seis setores são tidos como atividades básicas de exportação no período, uma vez que o QL foi maior do que a unidade. São eles: produção mineral não metálica, indústria têxtil, alimentos e bebidas, comércio varejista, instituição financeira e administração pública. Isso significa que essas atividades possuem produção que excede as necessidades da microrregião, sendo, portanto, voltadas para a exportação, que pode ser para outras microrregiões, outros estados ou até mesmo outros países. Este fato caracteriza a especialização relativa da microrregião no período de análise.

Em 2005, além dos ramos já mencionados, as atividades de madeira e mobiliário, comércio atacadista e ensino também faziam parte das atividades básicas da microrregião. No início da década de 2000, o setor de madeira e mobiliário detinha 22,4% dos estabelecimentos industriais da microrregião⁶⁹, o que implica uma posição de destaque dentro do setor industrial. O comércio atacadista teve grande influência e potencial de geração de empregos na microrregião, por haver, principalmente, o comércio de produtos agropecuários, como de animais vivos, leite e derivados, cereais e leguminosas, farinhas, amidos e féculas. Em relação ao ensino, é a educação superior que se destaca na microrregião. Frederico Westphalen concentra o maior número de empregos neste ramo, com cinco universidades.

Em 2010, o ensino deixa de ser atividade básica, e a extração mineral aparece como atividade básica. Ressalta-se que apenas em 2010 esta última atividade foi tida como básica. Uma possível explicação para este fato é que, dos 25 estabelecimentos desta atividade, 22 deles são de extração de pedras preciosas e semipreciosas, cujas minas estão localizadas, na sua maioria, em Ametista do Sul, Frederico Westphalen e Iraí. Além disso, a construção civil surge como uma atividade básica, cuja explicação pode estar no fato de que houve aumento dos investimentos do Governo Federal no Programa de Aceleração do Crescimento e no Programa Minha Casa, Minha Vida, não somente na microrregião, mas em todo o país. Outro fator a ser destacado é a construção de usinas hidroelétricas, como a de Foz do Chapecó, cuja inauguração ocorreu em 2010 e tem tido influência em vários ramos de atividade, mesmo que indiretamente, como madeira e mobiliário e comércio atacadista, além da construção civil.

O comércio atacadista deixa de ser atividade básica em 2010 e volta a ser em 2015. Porém, mesmo com este detalhe, é uma atividade muito importante para a economia da maioria dos municípios da microrregião de Frederico Westphalen.

O setor de madeira e mobiliário deixa de ser atividade básica em 2015, devido ao fechamento de alguns estabelecimentos do ramo, principalmente em Planalto e Rodeio Bonito e em algumas cidades de seu entorno, onde se concentrava boa parte dessas atividades econômicas. Portanto, oito dos 25 ramos de atividades são tidos como básicos em 2015, sendo que dois se tornaram atividades

⁶⁸ Bacha (2012).

⁶⁹ Arns e Piovezana (2008).

básicas no decorrer dos anos: construção civil e comércio atacadista. Salienda-se que a construção civil passou a ser atividade básica em 2010.

No geral, percebe-se que a base de exportação da microrregião concentra-se nos setores industrial e de serviços. As atividades que fazem parte da base de exportação podem ser consideradas atividades motores para o crescimento da economia da microrregião. Cabe ressaltar que as atividades que reduziram o valor do QL durante os anos não necessariamente perderam importância para a economia da região, mas tal perda pode estar relacionada ao aumento da importância dos demais setores da economia, isto é, da diversificação da base de exportação da microrregião.

Para identificar os elementos fundamentais que formam a base de exportação, foi calculado o multiplicador de emprego, que se apresentou maior do que a unidade para todos os anos, o que significa que o emprego está relacionado com as atividades básicas de exportação⁷⁰. O multiplicador de emprego mostra quanto um emprego básico gera de empregos não básicos. Os resultados estão expostos nas tabelas 2, 3 e 4, para 2005, 2010 e 2015, respectivamente.

A população economicamente ativa (PEA) da microrregião de Frederico Westphalen era de 16.191 mil pessoas em 2005, 0,72% da PEA do Rio Grande do Sul, região de referência, que foi de 2,23 milhões de pessoas. Do total da PEA da microrregião, foram obtidos cerca de 3.840 empregos básicos, isto é, 23,7% do emprego total, e aproximadamente 12.350 empregos não básicos (76,3%), resultando em um multiplicador de emprego (total) de 4,22, ou seja, para cada emprego gerado nas atividades básicas, foram criados mais 3,22 empregos nas atividades não básicas.

Tabela 2 – Base de exportação da microrregião de Frederico Westphalen: 2005.

Ramos de Atividade	Microrregião (PEA)	Rio Grande do Sul (PEA)	Base de Exportação	
			Emprego Básico	∑ do Emp. Básico
01-Extrativa Mineral	17	4.831	-17,99	
02-Prod. Mineral Não Metálico	213	14.654	106,86	106,86
03-Indústria Metalúrgica	186	55.758	-217,84	
04-Indústria Mecânica	13	48.881	-341,03	
05-Elétrico e Comunicação	24	15.030	-84,86	
06-Material de Transporte	5	35.811	-254,37	
07-Madeira e Mobiliário	446	48.009	98,28	98,28
08-Papel e Gráfico	71	27.918	-131,20	
09-Borracha, Fumo,	211	45.814	-120,82	

⁷⁰ Piffer *et al.* (2002).

Couros				
10-Indústria Química	170	46.575	-167,33	
11-Indústria Têxtil	208	27.538	8,55	8,55
12-Indústria Calçados	441	126.784	-477,27	
13-Alimentos e	970	111.923	159,37	159,37
Bebidas				
14-Serviço Utilidade Pública	100	21.912	-58,70	
15-Construção Civil	451	71.328	-65,61	
16-Comércio Varejista	3.346	348.798	819,74	819,74
17-Comércio Atacadista	531	63.146	73,65	73,65
18-Instituição Financeira	373	40.932	76,54	76,54
19-Adm Técnica Profissional	237	152.548	-867,87	
20-Transporte e Comunicações	414	111.912	-396,55	
21-Alojamento e Comunicações	899	173.215	-355,56	
22-Médicos Odontológicos Vet.	511	93.050	-162,94	
23-Ensino	532	66.116	53,14	53,14
24-Administração Pública	5.411	409.727	2.443,44	2.443,44
25-Agricultura	411	73.263	-119,63	
Total da PEA das Atividades	16.191	2.235.473	Emprego Básico	3.839,57
			Emprego Não Básico	12.351,43
			Multiplicador de Emprego Total	4,22

Fonte: Fonte: Elaboração própria, com base de dados RAIS (2016).

Analisando a base econômica da microrregião em 2010, observa-se que, embora as atividades básicas em 2005 e 2010 tenham totalizado nove em cada ano, algumas são diferentes. Além das seis atividades básicas comuns em todos os anos (produção de mineral não metálico, indústria têxtil, alimentos e bebidas, comércio varejista, instituição financeira e administração pública), apenas o ramo de madeira e mobiliário é comum em 2005 e 2010. Ressalta-se ainda que, em 2005, o comércio atacadista e o ensino eram atividades básicas de grande importância para a microrregião e, em 2010, deixaram de ser. Já a extração mineral e a construção civil, em 2010, passaram a serem consideradas atividades básicas. Por meio da comparação do multiplicador de emprego, percebe-se

que houve uma pequena retração da base de exportação, uma vez que foi observada uma redução do multiplicador de emprego total, que passou de 4,22 em 2005 para 4,14 em 2010.

Tabela 3 – Base de exportação da microrregião de Frederico Westphalen: 2010.

Ramos de Atividade	Microrregião (PEA)	Rio Grande do	Base de Exportação	
		Sul (PEA)	Emprego Básico	∑ do Emp. Básico
01-Extrativa Mineral	111	6.516	59,54	59,54
02-Prod. Mineral Não Metálico	420	19.959	262,37	262,37
03-Indústria Metalúrgica	318	71.144	-243,89	
04-Indústria Mecânica	34	74.209	-552,10	
05-Elétrico e Comunicação	41	19.052	-109,47	
06-Material de Transporte	11	53.985	-415,37	
07-Madeira e	471	55.596	31,91	31,91
Mobiliário				
08-Papel e Gráfico	97	29.257	-134,07	
09-Borracha, Fumo, Couros	171	50.018	-224,04	
10-Indústria Química	285	52.538	-129,94	
11-Indústria Têxtil	347	38.251	44,90	44,90
12-Indústria Calçados	338	118.397	-597,09	
13-Alimentos e	1.787	135.208	719,14	719,14
Bebidas				
14-Serviço Utilidade Pública	206	30.169	-32,27	
15-Construção Civil	1.082	124.875	95,75	95,75
16-Comércio Varejista	5.085	476.272	1.323,45	1.323,45
17-Comércio Atacadista	611	85.418	-63,62	
18-Instituição	575	49.429	184,61	184,61
Financeira				
19-Adm Técnica Profissional	534	221.592	-1.216,11	
20-Transporte e Comunicações	682	146.380	-474,10	
21-Alojamento e Comunicações	1.056	206.571	-575,48	
22-Médicos	702	118.649	-235,08	

Odontológicos Vet.				
23-Ensino	489	94.047	-253,77	
24-Administração Pública	6.145	444.495	2.634,42	2.634,42
25-Agricultura	549	82.135	-99,69	
Total das Atividades	22.147	2.804.162	Emprego Básico	5.356,08
			Emprego Não Básico	16.790,92
			Multiplicador de EmpregoTotal	4,14

Fonte: Fonte: Elaboração própria, com base de dados RAIS 2016.

Em 2010, houve um acréscimo de 36,8% na PEA da microrregião, passando de 16,19 mil pessoas em 2005 para 22,15 mil em 2010, enquanto a PEA do Estado aumentou 25,4%, de 2,23 milhões de pessoas em 2005 para 2,80 milhões em 2010. A representação da PEA da microrregião em relação à do Estado foi de 0,79%, pouco mais do que em 2005. Os empregos básicos foram da ordem de 5,36 mil (24,2% do total), o que sinaliza um multiplicador de emprego total de 4,12 (para cada emprego gerado nas atividades básicas, foram criados 3,12 empregos nas atividades não básicas), resultando em, aproximadamente, 16,79 mil empregos não básicos (75,8% do total).

Ao se analisar a base de exportação em 2015, observa-se que houve uma redução das atividades básicas, que passaram de nove para oito. Foram acrescentados às seis atividades comuns em todos os anos, a construção civil, que também era atividade básica em 2010, e o comércio atacadista, que era básica em 2005.

Tabela 4 – Base de exportação da microrregião de Frederico Westphalen: 2015.

Ramos de Atividade	Microrregião (PEA)	Rio Grande do Sul (PEA)	Base de Exportação	
			Emprego Básico	∑ do Emp. Básico
01-Extrativa Mineral	33	6.767	-32,62	
02-Prod. Mineral Não Metálico	449	19.504	259,87	259,87
03-Indústria Metalúrgica	398	66.819	-249,93	
04-Indústria Mecânica	49	69.121	-621,25	
05-Elétrico e Comunicação	56	17.771	-116,32	
06-Material de Transporte	40	51.937	-463,62	
07-Madeira e Mobiliário	339	55.379	-198,00	
08-Papel e Gráfico	122	26.049	-130,59	
09-Borracha, Fumo,	218	40.494	-174,66	

Couros					
10-Indústria Química		437	51.447	-61,87	
11-Indústria Têxtil		352	32.881	33,16	33,16
12-Indústria Calçados		297	95.088	-625,04	
13-Alimentos e		3.372	148.837	1.928,77	1.928,77
Bebidas					
14-Serviço Utilidade Pública		254	29.384	-30,93	
15-Construção Civil		1.296	121.175	121,00	121,00
16-Comércio Varejista		6.297	527.695	1.180,08	1.180,08
17-Comércio Atacadista		1.509	97.973	558,98	558,98
18-Instituição Financeira		695	57.097	141,35	141,35
19-Adm Técnica Profissional		788	253.963	-1.674,61	
20-Transporte e Comunicações		1.161	174.515	-531,23	
21-Alojamento e Comunicações		1.461	240.724	-873,24	
22-Médicos Odontológicos Vet.		881	152.360	-596,39	
23-Ensino		878	121.898	-304,01	
24-Administração Pública		7.074	461.901	2.595,07	2.595,07
25-Agricultura		688	84.770	-133,99	
Total da PEA das Atividades		29.144	3.005.549	Emprego Básico	6.818,28
				Emprego Não Básico	22.325,71
				Multiplicador de Emprego Total	4,27

Fonte: Fonte: Elaboração própria, com base de dados RAIS 2016.

Pela análise do multiplicador de emprego, observa-se que este passou de 4,14 em 2010 para 4,27 em 2015, indicando uma intensificação da base de exportação.

A PEA da microrregião, em 2015, representava 0,97% da PEA do Rio Grande do Sul. Na microrregião, houve um aumento da PEA de 31,6% em relação a 2010, de 22,15 mil pessoas em 2010 para 29,14 mil em 2015, enquanto o aumento da PEA do Estado foi de 7,2%, de 2,80 milhões de pessoas em 2010 para 3 milhões em 2015. Do total da PEA da microrregião, foram obtidos 6,82 mil empregos básicos (23,4% do total de empregos), o que gerou um multiplicador de emprego total

de 4,27 (para cada emprego gerado nas atividades básicas, foram criados 3,27 empregos nas atividades não básicas), resultando em 22,32 mil empregos não básicos.

No geral, embora North⁷¹ afirme que a agropecuária é uma atividade básica por natureza, esta não se mostrou atividade básica pela análise do QL em todos os 11 anos que formam o período de análise. Contudo, esta atividade continua mantendo sua importância não somente para a microrregião, mas também para o Estado. Afinal as funções da agropecuária são de suma importância para o desenvolvimento dos demais setores⁷². Frisa-se que tais funções são fornecer alimentos para a população, fornecer capital para a expansão do setor não agrícola, fornecer mão-de-obra para o crescimento e diversificação de atividades na economia, fornecer divisas para a compra de insumos e bens de capital necessários ao desenvolvimento de atividades econômicas, constituir-se em mercado consumidor para os produtos do setor não agrícola, e fornecer matéria-prima necessária ao processo de desenvolvimento industrial.

Outro aspecto observado na agricultura é a pouca mão-de-obra utilizada, que representou apenas 2,4% do total de empregos no período. Maquinários de tecnologia avançada dispensam a contratação e/ou manutenção de muitos trabalhadores, e o território é basicamente constituído e caracterizado pela agricultura familiar⁷³. No caso da microrregião, supõe-se que a maioria dos trabalhadores tenha ido para os setores da administração pública e do comércio varejista, uma vez que estes dois ramos de atividades absorveram mais de 50% dos empregos (27,9% e 22,5%, respectivamente). Também deve ser considerado que existe uma história produtiva do Rio Grande do Sul e, em particular, da microrregião pesquisada, que está ligada à produção de grãos e *commodities* agrícolas. Esta está profundamente institucionalizada nos movimentos sociais, nos agricultores e nas instituições de desenvolvimento rural⁷⁴.

De fato, a agricultura familiar é muito forte⁷⁵ na microrregião de Frederico Westphalen e que, embora tal atividade seja fundamental para a economia da microrregião, o setor é composto, em sua maioria, por micro e pequenos agricultores que voltam sua produção para o atendimento das necessidades locais, não visando ao mercado externo e reduzindo, assim, a geração de emprego e renda no setor. Este fato faz com que as pessoas migrem para outros setores e, até mesmo, para outras regiões, onde o setor agrícola seja constituído por grandes empresas que visam à exportação, gerando, dessa forma, mais empregos e renda.

Complementarmente, ressalta-se que a estrutura de emprego, ou estrutura produtiva, da microrregião de Frederico Westphalen é diversificada, como pode ser observado pelo coeficiente de especialização exposto na Tabela 5.

Tabela 5 – Coeficiente de especialização da microrregião de Frederico Westphalen, nos anos de 2005, 2010 e 2015.

	Coeficiente de especialização		
	2005	2010	2015

⁷¹ North (1955, 1961a, 1961b, 1977a, 1977b, 1990, 2006).

⁷² Bacha (2012).

⁷³ Termo utilizado para evidenciar o pequeno agricultor, cuja propriedade é formada, na maior parte dos estabelecimentos rurais, pela mão-de-obra familiar.

⁷⁴ North (1994).

⁷⁵ De Cesare *et al.* (2007).

Microrregião Frederico Westphalen	0,235	0,240	0,232
Alpestre	0,262	0,251	0,306
Amestista do Sul	0,335	0,296	0,278
Caiçara	0,355	0,332	0,396
Constantina	0,238	0,263	0,273
Cristal do Sul	0,557	0,537	0,537
Dois Irmãos das Missões	0,604	0,608	0,598
Engenho Velho	0,445	0,581	0,495
Erval Seco	0,242	0,190	0,231
Frederico Westphalen	0,243	0,197	0,156
Gramado dos Loureiros	0,608	0,640	0,596
Iraí	0,203	0,262	0,293
Liberato Salzano	0,384	0,363	0,292
Nonoai	0,170	0,168	0,217
Novo Tiradentes	0,496	0,530	0,503
Novo Xingu	0,570	0,584	0,505
Palmitinho	0,151	0,198	0,299
Pinheirinho do Vale	0,350	0,362	0,379
Planalto	0,188	0,180	0,143
Rio dos Índios	0,584	0,655	0,633
Rodeio Bonito	0,289	0,212	0,191
Rondinha	0,197	0,234	0,239
Seberi	0,171	0,126	0,201
Taquaruçu do Sul	0,270	0,221	0,215
Três Palmeiras	0,288	0,355	0,300
Trindade do Sul	0,301	0,236	0,377
Vicente Dutra	0,400	0,434	0,425
Vista Alegre	0,415	0,373	0,377

Fonte: Fonte: Elaboração própria, com base de dados RAIS 2016.

O coeficiente de especialização revela que a estrutura produtiva da microrregião é semelhante à estrutura produtiva do Estado, uma vez que o valor deste coeficiente permaneceu próximo a zero em todos os anos. Este coeficiente próximo a zero indica a diversificação da estrutura de empregos, sendo que não há especialização da microrregião⁷⁶. Para esta pesquisa, foi considerado um coeficiente menor do que 0,5 para afirmar que não há especialização do município em relação à microrregião.

Ao se analisar a estrutura produtiva dos municípios, observa-se que a maioria apresenta estrutura semelhante à da microrregião. Contudo, percebe-se que seis municípios se destacam com uma estrutura que tende à especialização. São eles: Cristal do Sul, Dois Irmãos das Missões, Gramado dos Loureiros, Novo Tiradentes, Novo Xingu, e Rio dos Índios.

Cristal do Sul além de ter atividades básicas semelhantes às da microrregião, instituição financeira e administração pública, apresenta certa especialização no comércio atacadista e na indústria de calçados. Contudo, percebe-se que a estrutura produtiva deste município tende à diversificação semelhante à da microrregião, o que pode ser observado pela queda do coeficiente de especialização, de 0,557 em 2005 para 0,537 em 2010. Com efeito, em 2004 entrou em operação a Central Hidrelétrica do Braga do Grupo Creluz⁷⁷, que, além de gerar energia elétrica, serve de ponto

⁷⁶ Piacenti *et al.* (2008),

⁷⁷ Cooperativa de Geração de Energia.

turístico, fazendo com que a economia turística fomente a economia local e movimentando os demais setores.

Dois Irmãos das Missões, além da administração pública (semelhante à da microrregião), apresenta, como atividade motora de desenvolvimento, a agricultura. De fato, este município pode ser considerado como quase totalmente agrícola, sendo que seu território é praticamente constituído por terras integralmente mecanizadas e de grandes latifúndios, destacando-se na produção de soja, milho, trigo, aveia e cevada. Entretanto, assim como em Cristal do Sul, não se pode afirmar que em Dois Irmãos das Missões haverá uma diversificação nos próximos anos, mesmo existindo uma tendência para tal. Porém, a queda do coeficiente de especialização, de 0,604 em 2005 para 0,598 em 2015, pode ser um indicador para a diversificação.

Gramado dos Loureiros também possui tendência à diversificação de sua estrutura produtiva, embora apresente certa especialização. O fato está evidenciado pela queda do coeficiente de especialização, que passou de 0,608 em 2005 para 0,596 em 2015. Contudo, em 2010, observou-se um aumento de tal coeficiente, o que sugere que havia maior especialização da estrutura de empregos em relação aos demais anos. A administração pública (semelhante à microrregião) e a agricultura são a base econômica deste município. Todavia, a partir de 2010, o setor elétrico e de comunicações passou a fazer parte da estrutura produtiva enquanto atividade básica. Vale ressaltar que a economia do município é baseada na exploração de soja, milho, feijão, gado de leite e avicultura, além de tendência ao comércio atacadista.

Novo Tiradentes, por sua vez, mostrou certo grau de especialização apenas a partir de 2010. Além das instituições financeiras e da administração pública (semelhantes à microrregião), o município possui no comércio atacadista a movimentação de sua economia, e, a partir de 2014, a indústria têxtil também passou a se destacar.

Em Novo Xingu, a indústria de calçados e o comércio atacadista são as atividades básicas que movem a economia do município, além da administração pública, que também é atividade básica da microrregião. A cidade, assim como as demais supracitadas, possui tendência à diversificação, apresentando queda no coeficiente de especialização, de 0,570 em 2005 para 0,505 em 2015. Nesse município, há uma cooperativa com segmento em lojas de materiais de construção, supermercado, pecuária, insumos, peças, ferragens, implementos agrícolas, recebimento e expedição de grãos.

Em relação a Rio dos Índios, a cidade mostrou certa especialização durante os anos em relação à microrregião. Ressalta-se que seu caminho foi inverso ao dos demais municípios, ou seja, sua estrutura produtiva tende à especialização. O fato é atestado pelo aumento do coeficiente de especialização, que passou de 0,584 em 2005 para 0,633 em 2015. Em 2010, Rio dos Índios apresentou o maior coeficiente de especialização em relação aos demais anos, de 0,655. Além da administração pública (semelhante à microrregião), nesse município, o ramo de transportes e comunicações, até 2010, e a indústria mecânica se destacam enquanto atividades básicas. De fato, em Rio dos Índios encontra-se uma grande indústria metal-mecânica, com ênfase em produção de pontes de elevação para movimentação de cargas em armazéns, e comércio varejista de produtos ligados à manutenção de máquinas e equipamentos voltados à comunicação, que concentram boa parte dos empregos municipais e contribuem para a economia local.

Um município que merece destaque é Engenho Velho. Apesar do coeficiente de especialização apresentar-se acima de 0,5 apenas em 2010 nestes três anos de análise, cabe ressaltar que esta característica foi observada no município de 2006 a 2012, destacando-se as atividades da indústria metalúrgica, do comércio atacadista e de alojamento e comunicações até 2010. A atuação da indústria metalúrgica está amplamente capacitada para o reparo de máquinas pesadas e fabricação de componentes. Outro setor que apresenta ênfase na especialização é o comércio atacadista, em que predomina uma cooperativa que movimenta grande volume de produção. Em contrapartida, há uma variação de especialização no ramo médico, odontológico e veterinário.

Conclusões

A intenção deste trabalho foi apresentar as peculiaridades dos municípios que compõem a microrregião de Frederico Westphalen, mostrando as principais atividades motrizes desenvolvidas e sua relevância para a produção de bens, em um contexto de contribuição individual e coletiva para o progresso e o fomento inter-regional.

Os dados e valores obtidos pelos municípios da microrregião e pelo Estado, para fins comparativos entre os anos abordados, mostraram-se relevantes para o estudo, pois foram levadas em conta as principais atividades desenvolvidas por cada um dentro do contexto dos vários indicadores pesquisados, apesar de existirem diversas maneiras de comparar os diferentes indicadores aqui descritos. Por conseguinte, espera-se que este trabalho possa servir como ponto de referência para a adoção de instrumentos de elaboração de políticas municipais e estaduais, a fim de se promover o desenvolvimento regional.

Segundo os dados aqui destacados e apresentados por cada um dos municípios, subtraídos de 2005 a 2015, o QL demonstrou que o desenvolvimento da microrregião possui ainda muita ligação com as funções que visam a suprir as necessidades locais, pois as tarefas principais relacionadas à dinâmica da base são limitadas a oito dos 25 ramos de atividades e apresentam maior concentração nos setores industrial e de serviços. Quanto aos perfis de atividades de base que fomentam o comércio inter-regional, os maiores indicadores são registrados na produção de mineral não metálico e na área de alimentos e bebidas.

A produção mineral não metálica engloba a extração de pedras preciosas e semipreciosas, ainda muito representativa na maioria dos municípios, principalmente em Frederico Westphalen, com 31%, Palmitinho e Seberi, ambas com 14%, valores referentes ao total dessa atividade na microrregião. Porém, esse índice vem demonstrando queda devido a impasses ambientais ligados à exploração e ao esgotamento desses recursos naturais.

O segmento de alimentos e bebidas aparece em seguida e é amplamente ligado à produção de leite e derivados, à avicultura e à suinocultura. Ele está presente em todos os municípios da microrregião, e os produtos são comercializados com cooperativas ou grandes empresas do ramo. Essas atividades de base têm maior representação em Frederico Westphalen, com 41%, Trindade do Sul (22%) e Seberi (21%). Nestas duas últimas cidades, os investimentos na construção de unidades

de beneficiamento fizeram com que o QL da microrregião, nos últimos anos, apresentasse um aumento considerável neste setor, contribuindo com incentivos de produção dos setores ligados ao sistema.

O território da microrregião de Frederico Westphalen apresenta uma estrutura de base econômica aprisionada ao sistema agropecuário em quase todos seus municípios. Este sistema de produção, no momento, é a possibilidade que o pequeno agricultor encontrou para sua sobrevivência, diante da realidade verificada no território e das poucas alternativas e investimentos disponibilizados.

Recentemente, em meados dos anos 2000, pequenos produtores rurais iniciaram a produção vinícola em algumas cidades da microrregião, na busca de complementação de renda e até mesmo mudança de atividade. Porém, este cultivo ainda é restrito às cidades de Ametista do Sul, Alpestre, Planalto e Frederico Westphalen e carece de um estudo mais aprofundado sobre o potencial e a evolução desta cultura.

Os dados apontam que as áreas de administração pública, comércio atacadista e varejista e instituições financeiras possuem produção que excedem as suas necessidades e são muito representativas em praticamente todos os municípios. Em contrapartida, demonstraram queda na especialização. Somente o comércio atacadista registrou elevação desses valores, influenciado pela comercialização de produtos agropecuários.

A indústria têxtil apresentou especialização em todos os anos estudados. O aumento considerável desta atividade básica foi promovido por Frederico Westphalen, Constantina e Palmitinho. O setor constatou perdas somente no município de Erval Seco. Em geral, a participação da base de exportação desta atividade na microrregião se manteve em uma constante.

O número de atividades que formam a base de exportação não registrou evolução entre os anos estudados, considerando que houve a tendência de migração para outras. Em 2005, os ramos de atividades básicas eram nove. Já em 2015, esse número reduziu para oito. As áreas de ensino e de madeira e mobiliário deixaram de ser atividades básicas, e a construção civil passou a ser considerada de base. A explicação pode estar no aumento de investimentos em programas dos governos estadual e federal ligados à infraestrutura e à construção.

Observando-se os dados da base de exportação dos anos estudados, verifica-se que o maior índice de multiplicador de emprego ainda está altamente relacionado ao setor terciário da microrregião (comércio e serviços) e à implantação de indústrias voltadas à agropecuária. Alves (2008), em seu estudo, apresentou dados de 1970 sobre a distribuição das atividades econômicas das mesorregiões do Sul do Brasil; a especialização dessas atividades nos principais municípios da microrregião já era constatada na época e serve para demonstrar a semelhança com os dados atuais.

Outro fator preponderante que caracteriza o desenvolvimento de alguns municípios e suas atividades é a localização ao longo da principal rodovia, que corta o Estado do Rio Grande do Sul até Porto Alegre. Eles apresentam maior probabilidade de crescimento econômico devido à ligação direta que essa malha rodoviária faz com a Capital. O maior crescimento das atividades socioeconômicas na microrregião é constatado em municípios com melhor suporte logístico e que apresentam ligação a esse corredor rodoviário. Ressalta-se que ainda existem muitos municípios que não dispõem dessa infraestrutura, ou ela é muito precária. Por consequência, enfrentam dificuldades em escoar seus

bens de produção e não despertam o interesse para o incremento de atividades que ali já existem e o surgimento de outras. Há, ainda, uma necessidade de expansão e melhoria da malha rodoviária entre os vários municípios integrantes da microrregião.

O estudo demonstra, de forma significativa, que a economia da microrregião e da maioria dos municípios não consegue se expandir e não apresenta resultados para que este processo possa se desenvolver de uma forma mais célere. Além de a base econômica em seu entorno não agregar valor e não conseguir ser atrativa, ela está dependente do sistema produtivo da pequena e média propriedade agrária, reconhecida como agricultura familiar. A base apenas se mantém e não consegue se transformar. Ela é caracterizada como base de manutenção, pois a produção da microrregião é voltada apenas para a sua própria subsistência.

Fica, como sugestão final, a necessidade de um estudo mais profundo das variantes de possibilidade, em busca da ampliação da base econômica da microrregião, um trabalho sobre a influência das infraestruturas logísticas ligadas ao dinamismo dos municípios que compõem o lugar. Dados apresentados neste estudo apontam a estagnação de muitos municípios, visto que eles não têm perspectiva de crescimento e desenvolvimento devido à precária ou inexistente ligação rodoviária para escoamento e captação de recursos voltados à produção. Como já se enfatizou em dados anteriores, a maioria populacional é residente no espaço rural e em pequenas áreas de terra. Os moradores permanecem presos às culturas que historicamente foram introduzidas na microrregião, sem aporte ou incentivo para mudanças.

A diversificação de culturas pode ser um meio de ampliar as atividades e fomentar o comércio inter-regional. Aponta-se, como exemplo, a recente introdução da vitivinicultura nesse contexto. Ela já vem apresentando crescimento e reconhecimento regional; porém, para se tornar uma atividade de base, urge a criação de associações e cooperativas ligadas ao ramo, que são de fundamental importância para a busca de incentivos financeiros, sejam governamentais, sejam privados, despertando o progresso desta e de outras atividades.

Enfim, somente haverá uma economia forte e subsistente se as atividades mantenedoras do desenvolvimento regional e contribuintes para o desenvolvimento nacional forem realmente significativas e crescentes.

Referências bibliográficas

ALVES, L. R. *Distribuição das atividades econômicas e desenvolvimento regional em mesorregiões selecionadas do Sul do Brasil: 1970-2000*. 182 p. Dissertação (Mestrado) – Universidade de Santa Cruz do Sul, 2008.

_____. *Análise Regional: Metodologias e Indicadores*. Indicadores de localização, especialização e estruturação regional. Curitiba: Camões, p. 33-49, 2012.

ARNS, C. E.; PIOVEZANA, L. Desenvolvimento Econômico na Microrregião de Frederico Westphalen (RS). *Revista Grifos*, n. 24, 2008.

BACHA, C. J. C. *Economia e Política Agrícola no Brasil*. São Paulo: Atlas, 2012.

- BALASSA, B. Exports and economic growth: further evidence. *Journal of Development Economics*. vol. 5, p. 181-189, 1978.
- BANDEIRA, P. Participação, Articulação de Atores Sociais e Desenvolvimento Regional. *Textos para Discussão*, n. 630, Brasília: IPEA, 1999.
- BARROS, A. J. P.; LEHFELD, N. A. P. *Fundamentos da Metodologia Científica*. 3. ed, São Paulo: Makron, 2007.
- BOISIER, S. Técnicas de Análisis Regional com Información Limitada. Cuadernos del Ilpes, Santiago de Chile: n. 27, 1980.
- CARVALHO DE LIMA, E.; CARVALHO DE LIMA, É. P.; EVAS, I. M.; TEIXEIRA, M. S. G. Base de Exportação e Sua Relação com o Desempenho Econômico: O caso do estado de Santa Catarina. *Textos de economia*. Florianópolis: v. 16, n. 1, p. 95-116, jan./jun.2013.
- CEPAL. *Leituras Sobre o Desenvolvimento Latino-Americano*. ETGES. V. E.; AREND. S. C. (Org). Apresentação. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2012.
- COSTA, E. J. M. *Políticas Públicas e o Desenvolvimento de Arranjos Produtivos Locais em Regiões Periféricas*. (Tese) Campinas, UNICAMP. 2007.
- COSTA, J. S.; DELGADO, A. P.; GODINHO, I. M. A teoria da base econômica. In: COSTA, J. S. (Coord.). *Compêndio de economia regional*. Lisboa: APDR, p. 793-801, 2002.
- GIL, A. C. *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 6. ed, 3. reimpr, São Paulo: Atlas, 2010.
- LANE, Theodore. O multiplicador da base urbana: avaliação de sua situação atual. In: SCHWARTZMAN, Jacques (Org.). *Economia regional: textos escolhidos*. Belo Horizonte, 1977.
- MARTINS, H. H.; FERRERA DE LIMA, J.; PIFFER, M. Indicadores de Base Econômica: uma aplicação para as regiões brasileiras. *Cadernos de Geografia*, v.25, n.43, p. 206-220, 2015.
- NORTH, D. C. Location theory and regional economic growth. *Journal of Political Economy*, v. 63, 1955.
- _____. Alguns Problemas Teóricos a Respeito do Crescimento Econômico Regional. *Revista Brasileira de Economia*. Rio de Janeiro, n. 03, p. 25-38, 1961a.
- _____. *The Economic Growth of the United States 1790-1860*. New York: Prentice Hall, 1961b.
- _____. A Agricultura no Crescimento Econômico. In: SCHWARTZMAN, J. (Org.). *Economia regional: textos escolhidos*. Belo Horizonte, MG: CEDEPLAR/CETEDRE-MINTER, p. 333-343, 1977a.
- _____. Teoria da Localização e Crescimento Regional. In: SCHWARTZMAN, J. (Org.). *Economia regional: textos escolhidos*. Belo Horizonte, MG: CEDEPLAR/CETEDRE-MINTER, p. 291-314, 1977b.
- _____. Economic Performance Through Time. *American Economic Review*, v. 84, n. 3, p. 359 - 368, Jun 1994.

OLIVEIRA, N. M.; CARDOSO, B. F.; STRASSBURG, U. Algumas Considerações sobre a Base de Exportação das Regiões Brasileiras. *Revista interdisciplinar científica aplicada*, Blumenau, v. 10, n. 1, p. 66-80, 2016.

OLIVEIRA, N. M.; NOBREGA, A. M.; MEDEIROS, M. R. Desenvolvimento Econômico e Regional Segundo a Teoria de Base de Exportação. *Revista Tocantinense de Geografia*, v. 1, p. 76-96, 2012.

PEROVANO, D.G. *Manual de Metodologia Científica para a Segurança Pública e Defesa Social*. Curitiba: Juruá, 2014.

PIFFER, M. *A dinâmica do Oeste paranaense: Sua inserção na economia nacional*. (Dissertação) Curitiba, UFPR, 1997.

_____. Apontamentos Sobre a Base Econômica da Região Oeste do Paraná. In: CASSIMIRO FILHO, F.; SHIKIDA, P. F. A. (Org.). *Agronegócio e desenvolvimento regional*. Cascavel: Edunioeste, p. 57-84, 1999.

_____. *A Teoria da Base Econômica e o Desenvolvimento Regional do Estado do Paraná no Final do Século XX*. 182 f. (Tese) Santa Cruz do Sul, UNISC, 2009.

_____. A face Institucional do Desenvolvimento Regional. *Desenvolvimento regional: discussões e reflexões*. In: SIEDENBERG, D.R. LOCK, F.N. LONDERO, J.C (Org). Pelotas: Universitaria PREC/UFPEL, 2011.

_____. Análise Regional: Metodologias e Indicadores. *Indicadores de base econômica*. Curitiba, Camões, p. 51-61, 2012.

PIFFER, M.; AREND, S. C. A Agropecuária e as Indústrias Tradicionais no Desenvolvimento Regional Paranaense no Período de 1970 a 2000. *Informe Gepec*, v. 13, n. 1, jan./jun. 2009.

PIFFER, M.; DONEGA, A.; ALVES, L. R.; CARVALHEIRO, M. E. Análise Regional da Dinâmica do Crescimento do Emprego nas Mesorregiões do Paraná - 2000 a 2008. In: VII ECOPAR - *Encontro de Economia Paranaense*. Guarapuava, 2010.

PIFFER, M.; STAMM, C.; PIACENTI, C. A.; FERRERA DE LIMA, J. A base de exportação e a reestruturação das atividades produtivas no Paraná. In: CUNHA, M. S.; SHIKIDA, P. F. A.; ROCHA JÚNIOR, W.F. (Orgs.). *Agronegócio paranaense: potencialidades e desafios*. Cascavel: Edunioeste, p.77-96, 2002.

POLÈSE, M. *Economia urbana e regional: Lógica espacial das transformações econômicas*. Coimbra, APDR, 1998.

RAIS. Relação Anual de Informações Sociais. *Comércio e Serviços*. Disponível em: <<http://www.servicos.gov.br/area-de-interesse/comercio-e-servicos>>. Acesso em 17 mai. de 2016.

SALVATORE, D.; HATCHER, T. Inward Oriented and Outward Oriented Trade Strategies. *The Journal of Development Studies*, v. 27, p. 7-25, 1991.

SEVERINO, A. J. *Metodologia do trabalho científico*. 23. ed. São Paulo: Editora Cortez, 2007.

SOUZA, N. J. Conceito e aplicação da teoria da base econômica. *Perspectiva econômica*, UNISINOS. São Leopoldo, RS. v. 10, n. 25, p. 117-130, março 1980.

_____. Exportações e crescimento econômico do RS - 1951-2011. *Revista Ensaios FEE*. Porto Alegre, v. 23, n. esp., 2002.

WESENDONCK. C. C. *Desenvolvimento Regional no Médio Alto Uruguai/RS: Percepções, impasses e alternativas*. 145 f. (Tese) Toledo, UNIOESTE, 2016.